

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
RIO DE JANEIRO**

**Programa de Pós-graduação Lato Senso Linguagens Artísticas,
Cultura e Educação**

Nilópolis

Mozileide Neri Barbosa

PALAVRAS FECHADAS: Livros-objeto

NILÓPOLIS – RJ

2016

Mozileide Neri Barbosa

PALAVRAS-FECHADAS: Livros-objeto

Trabalho de conclusão de curso de Pós-Graduação Lato Senso apresentado como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de especialista em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação.

Orientador: Prof. Dr. Tadeu Mourão

Nilópolis – RJ

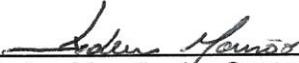
2016

Mozileide Neri Barbosa

PALAVRAS-FECHADAS: Livros-objeto

Trabalho de conclusão de curso de Pós-Graduação Lato Senso apresentado como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de especialista em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação.

Dia 13 de julho de 2016.



Prof. Dr. Tadeu Mourão dos Santos Lopes Zaccaria (orientador)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro



Prof.^a Esp. Suéle Maria de Lima
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro



Prof.^a Dr.^a Angela Maria da Costa e Silva Coutinho
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

Os Livros-objeto continuam existindo para serem lidos, mas numa perspectiva mais abrangente. São objetos transgressores que exigem do espectador que entre no jogo do “ler vendo” ou “ver lendo”, completando o trânsito entre a imagem-ideia e a ideia-objeto.

(Luís Henrique Nobre de Miranda)

RESUMO

O trabalho apresentado é sobre o meu processo criativo desde a utilização do livro como suporte experimental para criação de livros-objeto até à exposição pública das obras. Primeiramente, abordam-se as questões norteadoras desse processo; em seguida, a construção das obras e suas etapas de criação; e, de forma mais detalhada, enumeram-se as exposições nas quais as mesmas participaram. Trata-se de um encontro entre imagens e palavras, onde a narrativa plástica ganha destaque. Este contemporâneo projeto pretende causar ruídos, estranhamentos e configurar uma nova expressão. Obras esteticamente descritas por cores e algumas pela não cor, pela aparência única, pelo discurso mudo, pela poesia invisível e pela não reprodutibilidade técnica. Os livros-objeto foram expostos na Galeria de Arte do SESC São Luís (MA/2014); na Biblioteca Giordano Bruno, localizada dentro do Planetário da Gávea (RJ/2014), Grão Espaço Cultural – Casa do Poeta Lindolf Bell (SC/2015), Festival Brisa Literária (RJ/2015), Agenda Cultural Mandela Vive (RJ/2015), 14ª Feira do Livro de Montenegro (RS/2016) e Museu de Arte de Montenegro (RS/2016).

Palavras-chave: Processo criativo. Livros-objeto. Exposições.

ABSTRACT

The work shown here is about my creative process, from the usage of the book as an experimental backing for the creation of artist's books, up to the exhibit of these works. Firstly, there's an approach at the guidelines of this process; next, on to the making of the works and its creation stages; and, in a more detailed way, there's the itemization of the exhibits in which these works were shown. It's about a clash between images and words, where the plastic narrative is highlighted. This contemporary project intends to cause noises, feelings of strangeness, and to set a new expression. Artworks aesthetically defined by colors and some by the not-color, by the unique appearance, by the silent speech, by the invisible poetry and by the technical nonreproducibility. The artist's books were exhibited at the Art Gallery of SESC São Luís (MA/2014); in the Giordano Bruno Library, located inside Planetário da Gávea (RJ/2014); Grão Espaço Cultural - Casa do Poeta Lindolf Bell (SC/2015); Festival Brisa Literária (RJ/2015); Agenda Cultural Mandela Vive (RJ/2015); 14th Feira do Livro de Montenegro (RS/2016); and Art Museum of Montenegro (RS/2016).

Keywords: Creative process. Artist's books. Exhibits.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 Capa do livro: A fábula cinematográfica	14
Figura 02 Livro-objeto: Por um fio	21
Figura 03 Livro-objeto: Livro-bomba	23
Figura 04 Livro-objeto: Palavras livres	25
Figura 05 Livro-objeto: Tarja preta	27
Figura 06 Livro-objeto: Livro-coisa	29
Figura 07 Livro-objeto: Livro-grãos	31
Figura 08 Livro-objeto: Livro-rádio	33
Figura 09 Livro-objeto: Livro-casulo	36
Figura 10 Livro-objeto: Livro-oratório	38
Figura 11 Livro-objeto: Vazio pleno	40
Figura 12 Livro-objeto: Páginas mortas	42

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O LIVRO COMO OBJETO	13
3 O LIVRO COMO SUPORTE E OBJETO DE ARTE	17
4 ONDE SE SITUAM OS LIVROS-OBJETO	18
5 LIVRO-OBJETO: POR UM FIO	21
6 LIVRO-OBJETO: LIVRO BOMBA	23
7 LIVRO –OBJETO: PALAVRAS LIVRES	25
8 LIVRO-OBJETO: TARJA PRETA	27
9 LIVRO-OBJETO: LIVRO COISA	29
10 LIVRO-OBJETO: LIVRO GRÃO	31
11 LIVRO-OBJETO: LIVRO RÁDIO	33
12 LIVRO-OBJETO: LIVRO CASULO	36
13 LIVRO-OBJETO: LIVRO ORATÓRIO	38
14 LIVRO-OBJETO: VAZIO PLENO	40
15 LIVRO-OBJETO: PÁGINAS MORTAS	42
16 PALAVRAS FECHADAS	44
16.1 A primeira exposição dos livros-objeto	44
16.2 A segunda exposição dos livros-objeto	45
16.3 A terceira exposição dos livros-objeto	46
16.4 A quarta exposição dos livros-objeto	47
16.5 A quinta exposição dos livros-objeto	48
16.6 A sexta exposição dos livros-objeto	48
16.7 A sétima exposição dos livros-objeto	49
17 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
18 REFERÊNCIAS	52

B238p Barbosa, Mozileide Neri

Palavras fechadas: livros-objeto / Mozileide Neri Barbosa;
Orientador: Tadeu Mourão dos Santos Lopes Zaccaria -- Nilópolis,
RJ: IFRJ, 2016.

53 f. : Il. ; 30 cm.

Trabalho de conclusão de curso (pós-graduação) – Instituto
Federal

Rio de Janeiro - IFRJ, Programa de Pós-Graduação em
Linguagens

Artísticas, Cultura e Educação, 2016.

1. Livros - objeto. 2. Processo criativo. 3. Exposições. I.
Zaccaria, Tadeu Mourão dos Santos Lopes, **orient.** II. IFRJ. III.
Título.

CDU 069:7

1. INTRODUÇÃO

É importante iniciar dizendo que sou movida por literatura e, principalmente, por poesia, e foi por elas que cheguei às artes plásticas e com elas sigo até hoje.

Resumidamente, minha trajetória como artista plástica se destaca a partir de julho de 2011, ao pesquisar sobre novos materiais e suportes na arte contemporânea. No ano seguinte, em 2012, após concluir o curso de Fundamentação na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (RJ), onde estudei o “Estudo do plano”, com Regina de Paula, e “Estudo do espaço”, com João Modé, “Teoria e história da arte”, com Ivair Reinaldim, essa experiência me impulsionou a buscar novas formas de expressão utilizando e experimentando novos materiais. No mesmo ano, em 2012, após a apresentação da minha monografia intitulada “Arte Contemporânea: Uma experiência compartilhada”, com orientação da Prof.^a Esp. Suéle Maria de Lima, na qual abordei a recepção do público espontâneo em relação aos processos e objetos artísticos contemporâneos, viajei para Porto Alegre, fui organizar a montagem e a abertura da minha primeira exposição individual, selecionada através de um edital de arte e financiada pelo Programa de Intercâmbio e Difusão Cultural da Secretaria de Fomento e Incentivo à Cultura do Ministério da Cultura.

A partir desse primeiro edital entrei definitivamente para o circuito de arte e ganhei outros editais, até junho de 2016 fui selecionada em 48 editais, tanto para exposições individuais quanto para exposições coletivas em todo o país.

A utilização do livro como suporte experimental se iniciou em janeiro de 2013. O meu processo criativo ficou restrito à utilização de livros, sem seleção prévia de tamanho ou espessura, a primeira tarefa foi anular a utilização funcional dos livros, ou seja, eles não poderiam ser mais folheados, nem lidos.

O principal objetivo do projeto foi sugerir ao público novas leituras para cada obra. Os objetivos dos livros-objeto são específicos e muitas vezes individuais, como por exemplo, apresentar a descontextualização do livro; proporcionar a acessibilidade aos deficientes visuais com a experiência tátil em alguns livros-objeto; desenvolver reflexões sobre o incentivo à leitura e o lugar do objeto livro no mundo contemporâneo; gerar mediações estéticas junto ao público, proporcionando a alfabetização visual através de leituras imagéticas e promover um ambiente de troca de experiências.

A minha intenção é sempre instigar o observador sobre determinado assunto utilizando os livros-objeto. Em algumas obras não deixo a mensagem de forma clara e, mesmo deixando subentendido através do título, sei que a leitura da obra será realizada de forma diferente por cada pessoa, tudo depende do repertório pessoal de cada um.

O meu processo de criação artística é dependente da percepção, da forma, do conteúdo expressivo, da matéria; da imaginação criativa, do consciente, dos acasos e da técnica artística. O processo de criação artística engloba a intuição e o potencial criador, toda a minha vivência como artista, meus impulsos inconscientes, meus conhecimentos, as ideias e as dúvidas de como iniciar o processo, tudo o que eu penso e imagino.

Pensar no processo criativo dos livros como a construção de um objeto que só pode conhecer a partir de sua materialidade, exigiu de mim um acompanhamento temporal e uma observação detalhada. Não faço esboços nem anotações da ideia antes de começar, nunca fiz. Pensar em processo significa pensar em movimento, em alguma coisa dinâmica, fluida, que acontece no tempo. Relacionar o processo criativo ao tempo em que acontece o ato de criação, indica a possibilidade de estabelecer etapas, como fases distintas e identificáveis. O processo criativo dos meus livros-objeto aconteceu dessa forma: primeiramente a apreensão da ideia a ser realizada ou problema a ser resolvido, depois a escolha de materiais e, enfim, a execução.

Alguns livros-objeto foram idealizados e executados durante semanas, outros com intervalos maiores, o processo de criação termina quando eu, intuitivamente, chego à conclusão de que a obra está finalizada.

Durante esses últimos quatro anos de processo criativo vários livros-objeto foram construídos, os produzidos em 2013, por exemplo, de um total de doze apenas quatro obras fazem parte do projeto atual. O primeiro ano de experiência utilizando o suporte livro não foi tão criativo, a maioria das obras não tinha uma estética interessante. Eram apenas livros colados e cobertos por papéis coloridos. A produção de 2014 começou a utilizar o miolo dos livros, ou seja, as páginas foram cavadas, perfuradas e diversos materiais foram colocados dentro dos livros. Em 2015 e 2016 a produção foi mais estética, os livros se transformaram em objetos manuseáveis, esteticamente decorativos ou com múltiplas funcionalidades. Os detalhes desses processos e de alguns livros-objeto veremos mais a frente em capítulos específicos.

Ao nomear “Palavras fechadas” como título de um projeto expositivo com uma série de livros-objeto para serem expostos, afirmo que os livros utilizados para a construção de

cada obra não mais poderiam ser folheados. Estão todos lacrados e ninguém mais poderia manuseá-los. Uma imposição sugestível à desobediência do espectador.

A partir de 2014 o projeto expositivo “Palavras Fechadas” começou a circular por todo o país. A primeira exibição pública de uma série de doze livros foi na Pinacoteca Potiguar (RN/2014), no mesmo ano foram expostos no SESC São Luís (MA/2014) e na Biblioteca Giordano Bruno, localizada dentro do Planetário da Gávea (RJ/2014). No ano seguinte a exposição ficou no Grão Espaço Cultural – Casa do Poeta Lindolf Bell (SC/2015), também participou do Festival Brisa Literária (RJ/2015) e ficou exposta no evento Agenda Cultural Mandela Vive (RJ/2015). Neste ano os livros-objeto participaram do principal evento sobre lançamentos de livro do Rio Grande do Sul: A Feira do Livro de Montenegro (RS/2016) e em seguida ficaram expostos no Museu de Arte de Montenegro (RS/2016).

As questões norteadoras que motivaram esse trabalho foram em relação à escolha da(s) técnica(s) e materiais que foram utilizados na produção dos livros-objeto. Entre as técnicas foram utilizadas a colagem, a pintura, a xilogravura, a costura e a encáustica; entre os materiais utilizados estão parafusos e pregos (tamanhos variados), plásticos, pedra, grãos, metal, tinta acrílica, tinta industrial, aquarela, guache, madeira, entre outros.

Em relação à metodologia, a pesquisa de motivação foi utilizada porque tenho o propósito de descobrir quais as possibilidades de utilização do livro como suporte experimental para criação de variados objetos.

O referencial teórico para desenvolvimento desse projeto foram os seguintes trabalhos: o ensaio “A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica”, de Walter Benjamin, que será utilizado para dialogar sobre a destruição da aura do objeto livro; O texto a “Obra aberta”, de Humberto Eco, especificamente o capítulo “A obra aberta nas artes visuais”; “A economia das trocas simbólicas: Modos de Produção e Modos de Percepção Artísticos”, de Pierre Bourdieu e “Escritos de artistas – Anos 60/70”, de Glória Ferreira e Cecília Cotrim. Foram abordados alguns conceitos atuais sobre livro-objeto, como o artigo “Entre materialidade e imaginário: Atualidade do livro-objeto”, de Biagio D’Angelo; “Livro-objeto”, por Marcelo Terça-Nada; “Livros-objeto: Fala-forma”, de Luís Henrique Nobre de Miranda; “A Estética da Recepção no campo da formação do professor”, de Beatriz Cabral; “Livros”, de Waltercio Caldas; “A narrativa nos livros de artista”, de Edith Derdyk; “Livro objeto: a fronteira dos vazios”, de Marcio Doctors; “Arte, educação e cultura”, de Raimundo Martins e “A aventura do livro experimental”, de Ana Paula Mathias de Paiva.

2. O LIVRO COMO OBJETO

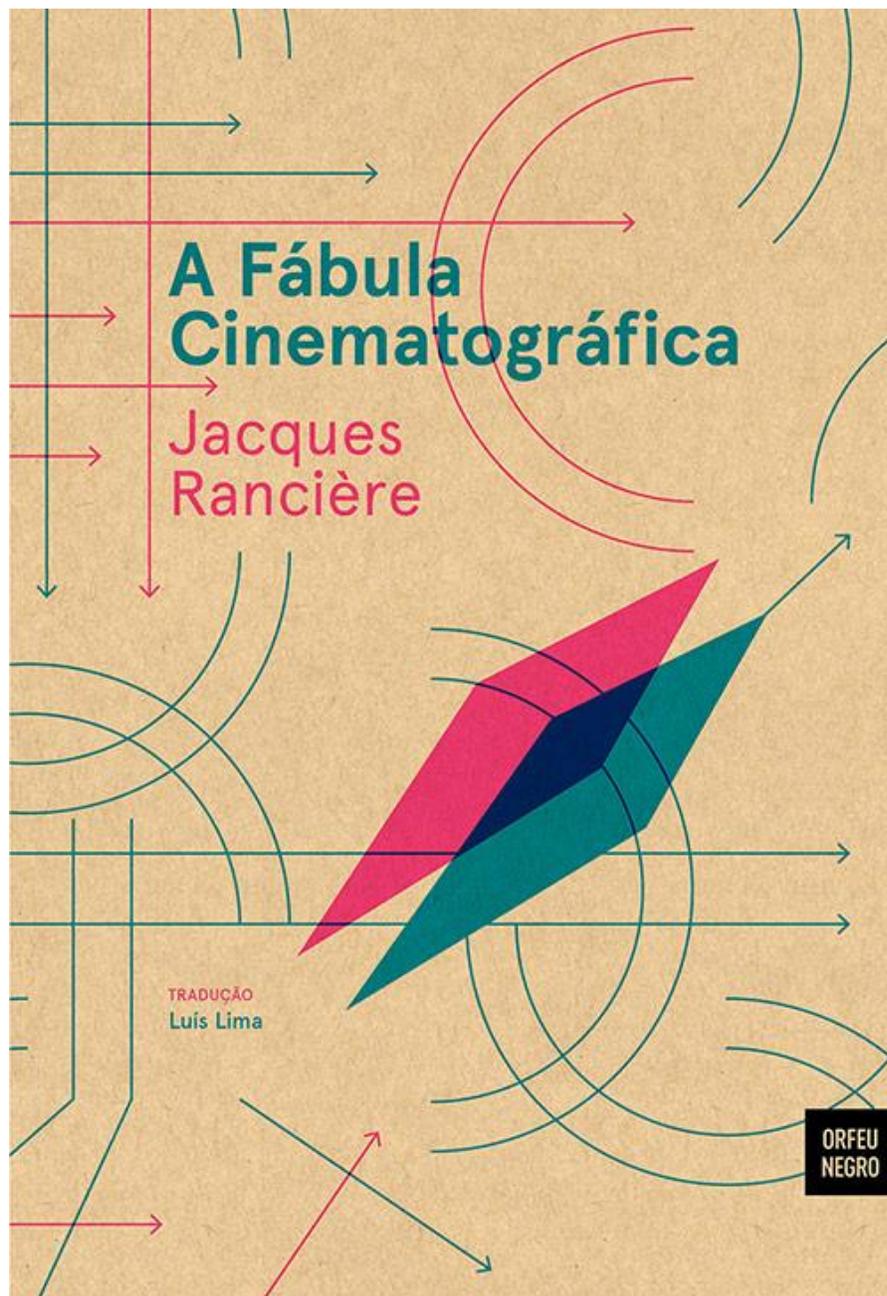
A função da capa vai além de proteger o miolo do livro, é um dos principais elementos de comunicação com o público. A relação do público com o livro, enquanto objeto, foi historicamente foco de várias transformações, às quais o estatuto da capa também não foi imune. Diante de constantes modificações, o livro, cuja evolução gráfica e conceitual está intimamente relacionada com o contexto econômico, social e técnico da sua produção.

Devido a sua produção manual e do uso de diferentes materiais o livro já foi um objeto raro e de grande valor. Há três elementos que o envolvem; a capa, a lombada e a contracapa. Conheço o mercado editorial por já ter feito alguns trabalhos gráficos de elaboração de capa para algumas editoras, principalmente para livros de poesia. A capa de um livro, na sua maioria, favorece uma percepção simbólica e interpretativa em relação ao conteúdo do livro e constrói uma forte ligação entre o livro e o leitor.

De acordo com Klock (1998), o processo de produção de livros foi facilitado pelo desenvolvimento técnico, em 1799, por exemplo, Nicolas Louis Robert introduziu a produção mecânica de papel que substituiu a produção manual. O francês criou uma máquina capaz de produzir um papel com doze a quinze metros de comprimento por cerca de quarenta centímetros de largura. Consecutivamente surgiram as prensas e os tipos de metal. No final do século XIX a encadernação mecânica substituiu a encadernação manual, reduzindo o custo do livro e aumentando a produção. A introdução do computador nos anos 80 modifica consideravelmente a forma do processo de criação dos livros. O meio digital possibilita ao designer de capa infinitas possibilidades de execução das suas ideias. Mas não vou me aprofundar na história da impressão nem na evolução técnica do livro.

Assim que fui convidada para criar uma arte de capa para uma coletânea de poesia do Sarau Poético de Manguinhos, pela editora Texto Território (RJ), pesquisei o trabalho de Rui Silva, designer da editora Orfeu Negro. Rui trabalha o livro de dentro para fora: começa sempre pela paginação e depois para os desenhos da capa. Muitos dos elementos da paginação transparecem depois da capa, como o jogo de formas abstratas que passam do índice, folha de rosto e ficha técnica para a capa, orelha e contracapa. Nos livros que ele produziu é possível perceber as fontes e as cores fluando por todo o objeto gráfico. É belíssimo.

Figura 01: Capa do livro – A fábula cinematográfica



A capa concentra a personalidade do livro, que às vezes pode ser uma referência a um momento marcante da narrativa ou um resumo dos acontecimentos. A capa é o resultado de um processo de interpretação e a sua dimensão simbólica se torna muitas vezes dominante sobre uma tradução literal do título ou das descrições feitas no livro. Os primeiros livros que me veem na lembrança são os do Pedro Bandeira, lidos durante o ensino fundamental. “A marca de uma lágrima” e “A droga da obediência”, são livros com histórias conflituosas e muito bem escritas. Lembro bem das capas, traduziam perfeitamente as histórias. Não foram livros lidos por obrigação para depois responder a uma lista de perguntas elaboradas pela professora, pelo contrário, foram leituras importantes.

O meu primeiro contato com o objeto livro provavelmente foi na infância, com a minha mãe contando histórias (lidas ou inventadas). Eu me lembro de leituras dos Irmãos Grimm e Monteiro Lobato, mas somente na adolescência, já no ensino médio, que eu realmente experimentei o significado pessoal com a leitura e, posteriormente, com o objeto livro. Primeiro encontro com o objeto livro foi ao ler “O mundo de Sofia”, de Jostein Gaarder, este foi um dos livros mais bonitos a que eu tive acesso naquela época, mas pouco aproveitado em relação à leitura. Já no terceiro ano do ensino médio, num dia de prova de literatura, encontrei Clarice Lispector no conto “Amor”. A narrativa conta a história da protagonista Ana, uma mulher casada com dois filhos. Ela levava uma vida feliz e cotidiana, quando um homem cego muda totalmente sua perspectiva da vida. Nunca tinha lido algo parecido. Eu queria ler outros textos da autora, e decidi comprar todos os livros que eu encontrasse da Clarice. Encontrei numa sebo no Centro do Rio, edição antiga, um livro velho com páginas amareladas. Comprei, li e o guardo como uma relíquia. Foi o primeiro livro que encontrei. E foi assim que consegui todos os livros da Clarice Lispector.

Toda a obra literária de Clarice Lispector continua sendo importante para mim. Ainda como graduanda em Produção Cultural pelo IFRJ, entre os anos de 2008 a 2010, quando participei como bolsista do Programa Institucional de Iniciação Científica e Tecnológica com o projeto “A literatura no contexto cultural do jovem contemporâneo: Dialogismo na obra de Clarice Lispector”, financiado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro/Campus Nilópolis, com a orientação da Prof.^a Dr.^a Angela Maria da Costa e Silva Coutinho.

O projeto se estruturou como uma pesquisa exploratória da arte literária brasileira, em conjugação à ação cultural que visa a apresentar ao jovem contemporâneo o dialogismo da

obra literária com sua história receptiva. Na qual a obra literária e imagética de Clarice Lispector foi trabalhada. O processo de apresentação aconteceu por meio da exibição de fitas cinematográficas, de oficinas literárias e de rodas de leitura em escolas públicas da Baixada Fluminense. Por intermédio dessas ações, houve análise dos textos verbais e das adaptações referentes à obra da autora. O levantamento desses dados, em primeiro momento, propiciou uma reflexão sobre a importância da literatura brasileira no contexto cultural e social dos jovens da geração atual. A conjugação de textos, vídeos, pinturas e outras artes.

As experiências oriundas da leitura favoreceram ao desenvolvimento de uma consciência simbólica, uma vez que o leitor é propício à elaboração de situações, pessoas, tempo e espaços, provocados pelo desenrolar de uma narrativa e à organização de realidades mentais, suscitadas pelo ritmo de um verso, pela sonoridade de palavras esteticamente constituídas, pela visualização do espaço ocupado pelo poema na folha de papel. Enfim, toda uma série de experimentações favoráveis ao desenvolvimento cognitivo, e articuladoras de uma forma de apreensão do mundo mais autônoma do que tem sido a relação do jovem contemporâneo com a arte e a cultura veiculadas nos meios de comunicação. Essa proposta integrou uma linha do pensamento contemporâneo de formação de leitores, e fez parte dos estudos de literatura aplicados à educação.

Todo aprofundamento da obra de Clarice Lispector foi importante, ter compartilhado com outros leitores experiências de recepção dos textos claricianos certamente me motivou a desenvolver conversas com o público durante as minhas exposições. Mediar conversas sobre o livro e suas características é algo que me impulsiona e inspira no momento da criação.

3. O LIVRO COMO SUPORTE E OBJETO DE ARTE

Não sou a primeira artista a utilizar o livro como suporte experimental. Durante a década de 70, há uma explosão de livros-objeto. A própria condição da arte nesse período produziu um transbordamento de limites, fazendo com que os artistas se lançassem em múltiplas direções, explorando as mais diferentes possibilidades de expressão. Diversos artistas brasileiros produziram livros-objeto, como Arthur Barrio, Lygia Clark, Antonio Dias, Waltercio Caldas, Mira Schendel, Alex Hamburguer, Delson Uchoa, Augusto de Campos, Julio Plaza, Liuba, Renina Katz, Lygia Pape, entre outros.

A experimentação do livro como suporte se iniciou em janeiro de 2013. Sem nenhuma seleção prévia, escolhi alguns livros do meu acervo pessoal, com tamanhos e espessuras diferentes. A primeira ação foi anular a utilização funcional dos livros, ou seja, deixá-los fechados, não poderiam ser mais folheados, nem lidos. Os livros se tornaram um bloco de papéis colados. O próximo passo era interferir na capa, lombada e contracapa. Revesti-los com desenhos e colagens foi uma ideia inicial. Interferir sobre os livros era anular qualquer relação com ele, afinal o livro está em parte condicionada pela carga simbólica e social que lhe é associada. Sendo a ação da leitura a mais comum, que pressupõe uma intervenção direta sobre o aspecto físico do suporte, a proposta de criação de uma nova capa constituiu um desafio, especialmente no manuseio do livro. Inconscientemente já existe uma tendência por parte dos leitores de não danificar o livro, não rasgar ou riscar. Ao pensar na nova capa como um espaço aberto à intervenção, eu, leitora, subverti meus próprios princípios de cuidadora do objeto livro. E estava consciente disso.

A experimentação do uso da colagem foi a mais satisfatória, afinal toda a produção de 2013 se utilizou dessa técnica. O principal intuito da primeira série de livros-objeto foi ocultar a capa e as informações sobre o livro, como autor, título e editora. A colagem foi importante nesse processo, utilizei vários papéis coloridos, criei desenhos com a utilização de estêncil, colagens com outros papéis e em seguida fiz perfurações para utilizar pregos e parafusos.

Em dois livros utilizei um papel branco com escritas em braile para cobrir a capa, antes da colagem sobre a capa, fiz algumas pinturas sobre o papel em braile. Após a colagem inseri parafusos em um e no outro finalizei a criação com linha para crochê.

Atualmente nesses dois livros é permitida a experiência tátil de visitantes com deficiência visual nas minhas exposições.

Em alguns livros utilizei a xilogravura, com pequenas de matrizes de acetado eu entintava e colocava sobre os papéis coloridos já colados sobre as capas, e com auxílio de uma prensa imprimia as xilogravuras. Para essa série fiz algumas matrizes com formato de borboletas que ficaram “voando” agitadas sobre os livros.

A utilização da encáustica foi uma experiência com resultados finais muito positivos. Imagine um livro sem capa, preso a pregos e restos de madeira com xilogravura de borboletas e depois coberto com cera quente. Após o esfriamento da cera, houve colagem sobre a madeira. O livro-objeto em questão se chama “Livro-vela”, ainda inédito por ser muito frágil.

Os primeiros materiais utilizados sobre os livros foram parafusos e pregos, plásticos, pedra, grãos, metal, tinta acrílica, tinta industrial, aquarela, guache, gesso, madeira, entre outros.

As obras produzidas entre 2014, 2015 e 2016 apresentam uma estética mais contemporânea, os livros utilizados sofreram intervenções interna e externa, em alguns livros-objeto é possível ler o conteúdo das páginas. Para a produção dos livros-objeto mais recentes, foram selecionados livros a partir de 20 centímetros de altura e 14 centímetros de largura e com mínimo 300 páginas, preferencialmente, com capa dura ou brochura e sem brilho.

A transformação inicial do livro para um livro-objeto, esteticamente interessante, só se concretizou na produção dos últimos dois anos. Onde é possível visualizar uma evolução estética. Os hábitos literários e a cultura visual são questões importantes para o sucesso de um livro-objeto, seja pelo estranhamento de um leitor de livros ou pela indignação de uma bibliotecária ao ver a transformação estética de um livro em um objeto indecifrável, a analogia entre a capa de um livro e a frente de um livro-objeto se torna mais evidente neste contexto, em que a dimensão estética é claramente assumida. A modificação dos meios de produção e das ferramentas disponíveis ao longo do tempo é responsável não apenas pela alteração do aspecto do livro, mas também pela alteração da relação entre este e o público. Enquanto objeto produzido manualmente, o livro surge na sociedade como objeto raro e valioso, com um público restrito. A industrialização do processo de produção permitiu o acesso do público ao livro. Porém o livro não deixou de envolver uma forte carga simbólica que se manifesta particularmente na abordagem gráfica da capa.

4. ONDE SE SITUAM OS LIVROS-OBJETO

Segundo Silveira (2001), os livros-objeto assumem sua autonomia de objetos de arte ao pertencerem a uma nova espécie de categoria na arte contemporânea, que se tornou possível devido às tendências pós-modernas do final da década de 1960. Para Mario Pedroza (2004) o desafio imposto à filosofia de distinguir obras de arte de objetos apropriados após o surgimento da antiestética ou inestética, ou arte desligada dos contextos estéticos, movimentou um pensamento sobre a perda das noções tradicionais da arte da representação.

Quando Walter Benjamin (1994) escreve sobre a reprodutibilidade como principal característica da modernidade e o conseqüente fim da superioridade do objeto de arte constituído por sua aura e autenticidade.

É difícil temporalizar o surgimento do livro como objeto de arte, dentro desse conceito, os livros de anatomia de Leonardo da Vinci (1452-1419) podem ser incluídos, os livros de gravura de Gustave Doré (1832-1883), e até os livros infantis com suas ilustrações ou dobraduras, entre outros. Segundo Canongia (2002), o sistema oficial de circulação das obras era criticado, havia uma procura por novos espaços e suportes, além do envolvimento físico e emocional do espectador. Entre os estudiosos e pesquisadores como Paulo Silveira, Annateresa Fabris, Cacilda Teixeira da Costa, a apropriação do livro como foco artístico aconteceu de maneira consciente entre a década de sessenta e início da década de setenta.

Embora assumam a forma conceitual do livro, os livros-objeto, são objetos recriados com obras de arte meramente escultóricas, a narrativa literária é substituída por uma narrativa plástica passando a ser considerados objetos de percepção que muitas vezes é privado do contato manual para se restringir ao campo da contemplação. Segundo Araújo (2006), o livro-objeto é um livro para ser visto e admirado a certa distância, para ser contemplado em ambientes amplos, como museus ou galerias, porque se apresenta com status e dimensões escultóricas. A leitura estética do livro-objeto não tem a formalidade do livro comum, ele transpassa, ultrapassa a linearidade da escrita e o modelo do livro convencional. Não há alfabetização, código de linguagem escrita, o que existe é uma linguagem puramente experimental. Para Silveira (2001), um livro não é um livro se não se puder abri-lo e descobrir certo número de páginas que se podem ler ou olhar (ideia de uma informação mais ou menos conceitual a comunicar) e, em todo caso, folhear uma após a

outra (ideia de sequência). Uma boa parte dos exemplos de livro-objeto são assinalados por um critério antinarrativo, em que a figuração se dá através da construção dos materiais empregados sem acrescentar notação de caráter, por assim dizer, explicativo. Para Silveira (2001), os livros-objeto pertencem apenas às artes plásticas. Sem vínculo direto com a literatura, a comunicação social ou outros produtores de informação legível.

Silveira (2001) diz que o livro de artista é uma categoria (ou prática) artística que desenvolve tanto a experimentação das linguagens visuais como a experimentação das possibilidades expressivas dos elementos constituintes do livro ele mesmo. O transporte de significado do texto para o volume em si pode ser muito radical, caso específico em que a obra passa a ser denominada livro-objeto. Assim, nem todo livro de artista é um livro-objeto, mas certamente todo livro-objeto é um livro de artista. Categoria híbrida, o livro de artista se articula nos recortes, nas perfurações, na permanência da história e no envelhecimento. Provocando o público nas intermitentes páginas da arte, rompe fronteiras e rompe o próprio estatuto da obra de arte, estetiza o objeto livro desconstruindo o corpo físico e imaginário para além dele, agora no campo da arte, se uni ao jogo da decifração e significação, de metáforas.

5. LIVRO-OBJETO: POR UM FIO

Quando afirmei que sou movida por literatura e poesia, e foi por elas que cheguei às artes plásticas e com elas sigo até hoje foi para avisar que algumas obras serão descritas por versos. Afinal foi ilustrando poesia que cheguei às artes plásticas e agora as poesias ilustrarão alguns livros-objeto.

Selecionei algumas obras que considero importantes e que me proporcionam a experiência dos primeiros resultados.

Por um fio é o meu primeiro livro-objeto, idealizado e construído em 2013.

Depois de fechar definitivamente as páginas, escolhi duas cores de papel para ocultar a página: amarelo e vermelho. Escolhi o amarelo para cobrir a página. Descobri depois que o amarelo é muitas vezes referido no mercado editorial como uma das melhores cores de capa, em termos comerciais, por ser uma cor com grande destaque. Fiz duas perfurações aleatórias no livro, uma delas seria para o parafuso. Os livros-objeto produzidos em 2013 têm pregos ou parafusos, pensei que além da cola as páginas precisassem de algo mais resistente para fechá-las.

A próxima etapa foi investigar a necessidade de inserir mais informações no livro-objeto, entre pesquisas e imagens iniciais, resolvi utilizar linhas de crochê que percorreram todo o livro, frente e verso, dentro e fora. Como complemento desenhei um círculo com o papel vermelho, cortei e coleí sobre o papel amarelo. Os restos do corte do papel vermelho foram utilizados para a criação de uma linha de papel, que colada sobre o livro criou um movimento interessante. “Por um fio” é uma obra que aborda a fragilidade - a linha preste a romper, o papel solto preste a cair; o abandono – o isolamento entre o círculo vermelho, as linhas e as palavras; e aprisionamento – a linha fixada e presa dentro e no entorno do livro, a linha de papel com partes presas e outras livres, ambas estão impossibilitadas de qualquer ação que possa ajudar uma a outra.

Figura 02: Por um fio



Mozileide Neri

Por um fio

Técnica mista sobre livro

Materiais utilizados: Livro, papel, cola, linha de crochê e parafusos

Dimensões: 14 cm x 21 cm

Ano: 2013

6. LIVRO-OBJETO: LIVRO-BOMBA

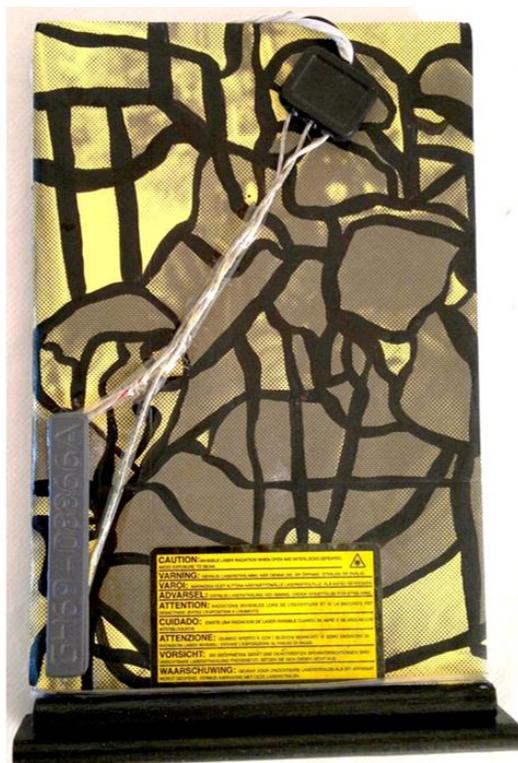
Se na elaboração ainda não existe uma obra, apenas uma ideia da possível obra, posto que a criação exige do criador que trabalhe primeiro e produza. Só depois, o trabalho poderá ser avaliado com critérios e interpretações.

Quando iniciei o trabalho de produção eu já tinha o título da obra “Livro bomba”, eu imaginei como seria a obra pronta, mas entre aquilo que eu imaginei e os fatos concretos que a obra me apresentou, existia uma enorme distância. A todo instante e à medida que eu modificava a matéria, os fatos também se modificavam. O momento final do trabalho é um momento decisivo, criativo e intuitivo. O fazer artístico termina quando um estado de equilíbrio da obra se identifica com a personalidade do artista, e não por avaliações unicamente intelectuais ou racionais. Só pensando assim eu pude dar a obra por concluída.

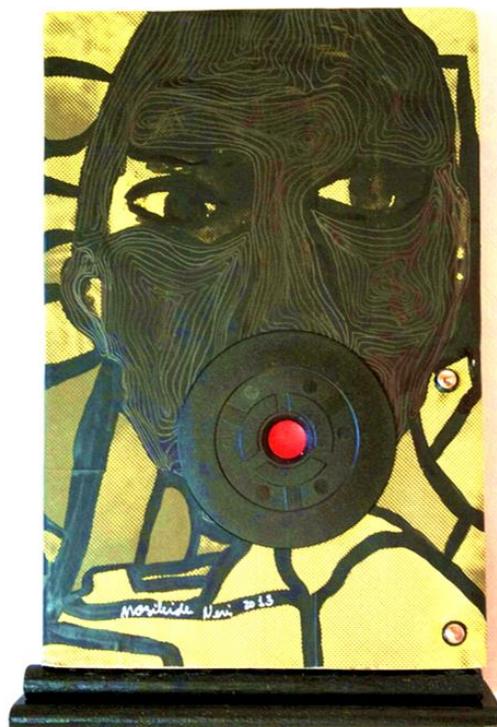
A obra “Livro-bomba” precisava atrair a atenção do espectador e causar curiosidade. O processo de criação da obra foi bem prático, eu precisava inserir sobre o livro informações que os observadores interpretassem como “perigosas”. O Livro-bomba é uma obra idealizada em 2013 para não explodir, não ferir, não dar sustos, apenas sugerir perigo; foi finalizada em 2016 com novas informações inseridas externa e internamente. A obra foi inspirada em alguns livros considerados “sagrados” como o alcorão, bíblia cristã, livro hindu e bíblia satanista, todos utilizam textos e citações para controlar, aterrorizar e alienar determinados grupos de pessoas e nações inteiras.

Figura 03: Livro-objeto – Livro-bomba

Verso



Frente



Mozileide Neri

Livro-bomba

Técnica mista sobre livro

Materiais utilizados: Livro, papel, tinta industrial, parafusos, plástico,
pincel, lápis graphium B e colagem

Dimensões: 15 cm x 22 cm

Ano: 2013/2016

7. LIVRO-OBJETO: PALAVRAS LIVRES

Literatura e pintura estão entrelaçadas nos meus processos de criação, seja escrevendo poesia ou pintando.

O conto “Amor”, de Clarice Lispector, que integra o livro “Laços de Família”, foi o primeiro livro que li da autora. Utilizei esse conto no meu processo criativo do livro-objeto “Palavras fechadas”. A narrativa conta a história da protagonista Ana, uma mulher casada com dois filhos. Ela levava uma vida feliz e cotidiana, quando um homem cego muda totalmente sua perspectiva da vida.

O bonde se arrastava, em seguida estacava. Até Humaitá tinha tempo de descansar. Foi então que olhou para o home parado no ponto. Era um cego. O bonde deu uma arrancada súbita jogando-a desprevenida para trás, o pesado saco de tricô despencou do colo, ruiu no chão. (LISPECTOR, 1979, p. 20).

Um ser cego e linhas de tricô foram duas informações importantes para o início do processo de criação do livro-objeto. No conto dizia que a rede de tricô era áspera entre os dedos.

Papéis brancos com escritas em baile, aquarela, pincéis, linhas de tricô e cola, esses foram os materiais utilizados. Em 2013 os livros-objeto foram criados. Aquarelas fixadas sobre o papel em braile foi calada sobre a capa de um livro. As linhas de crochê em formato de tranças laçadas finalizaram o processo sobre o papel em braile. Uma obra manuseável apenas por fora. Durante as minhas exposições há a possibilidade da experiência tátil de visitantes com deficiência visual ou por espectadores que também leem em braile. Somente eles sabem o conteúdo escrito em braile, apenas eles enxergam a aspereza das linhas de crochê.

O final do conto diz que quando a vertigem de bondade da personagem acaba, o amor e o seu inferno é atravessado. E diante do espelho, sem nenhum medo no coração, ela apaga as lembranças do dia como se apagasse uma vela. Em tempos de reforçar a acessibilidade do outro (e de todos), a importância desse livro-objeto vai além da linguagem não verbal, tátil e sensorial. O texto é indecifrável assim como o amor, lido e sentido de infinitas formas e intensidade. No exato momento que o leitor com deficiência visual toca a obra “Palavras livres”, ele liberta o livro-objeto para uma leitura pessoal e intrasferível.

Figura 04: Livro-objeto – Palavras livres

Verso



Frente



Mozileide Neri

Palavras livres

Técnica mista sobre livro

Materiais utilizados: Livro, papel em braile, tinta acrílica, tinta guache,
pincel, linhas de crochê e parafusos

Dimensões: 20 cm x 12 cm

Ano: 2013

8. LIVRO-OBJETO: TARJA PRETA

Falar sobre o que acontece ou aconteceu durante o momento da criação é relembrar as ideias iniciais. A ideia muitas vezes me prendeu altas horas no ateliê, e o desejo de continuar e ver a obra pronta me fazia virar madrugada, até as pálpebras cansadas me pedirem descanso. “Tarja preta” foi uma obra que me tirou horas de sono. Durante o processo de construção da obra, ocorreram alterações decorrentes do material utilizado, como: descolando do couro, das cápsulas já dentro do livro.

Não faço esboços nem anotações da ideia antes de começar, analiso o que tenho de material e começo. Ao iniciar o processo de construção da obra “Tarja preta”, primeiramente fiz os cortes das páginas, até alcançar a profundidade desejada. Depois coleí as páginas para mantê-las fechadas, em seguida fiz a colagem do couro preto sobre a capa e a quarta capa. Após secagem, coloquei um pouco de cola dentro do espaço cortado e inseri as várias cápsulas, os comprimidos e demais materiais e fechei o espaço cortado com um acetado transparente. Por fim, coleí na parte detrás do livro-objeto um suporte de porta-retratos para que a obra ficasse na posição vertical.

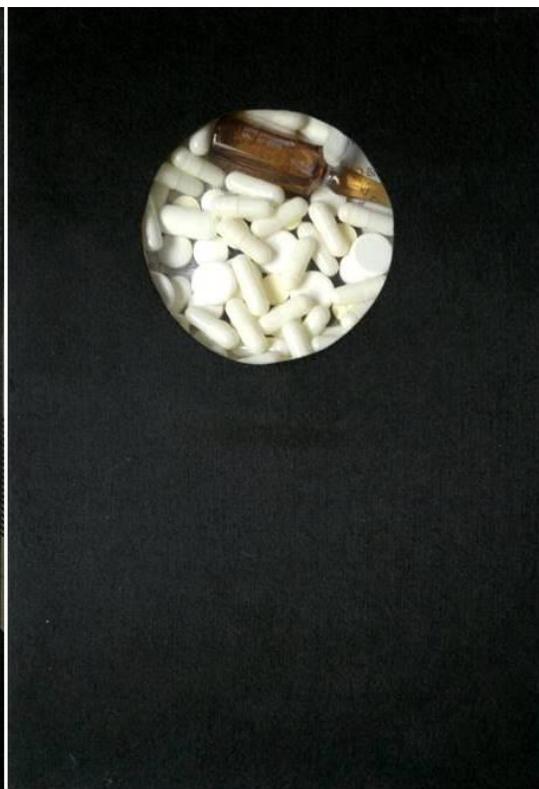
Sobre essa obra me perguntam sempre: por que o nome tarja preta e como eu consegui o material inserido dentro do livro. Começo sempre respondendo a última, todo o material era do meu gato que ficou doente em 2014, e que continua tomando uma cápsula por dia até hoje. Tarja preta é uma analogia ao consumo excessivo de remédio, também é uma crítica à automedicação, à dependência excessiva de remédios ou a falta de muitos remédios nos postos de saúde e hospitais públicos.

Figura 05: Livro-objeto – Tarja preta

Verso



Frente



Mozileide Neri
Livro tarja preta
Técnica mista sobre livro
Materiais utilizados: Livro, tinta acrílica, couro, papel cartão, fita,
argolas pequenas, comprimidos, cápsulas plásticas, vidro e cola
Dimensões: 16 cm x 23 cm
Ano: 2014

9. LIVRO-OBJETO: LIVRO COISA

O produto gerado no momento da criação pode ser uma obra de arte ou algo que não se enquadre em nenhuma categoria. Não de modo pejorativo, poderia até ser chamado de “coisa”. Em todo caso, o que mais me impressionou na construção do Livro coisa foi a experiência de criação a partir do estudo da observação.

A cada pausa no trabalho pude ver novas possibilidades para essa obra, sempre gerando outro processo e transformando o que já estava pronto. A obra não se esgota no dia de trabalho, ela se transforma, é construída ao longo do tempo.

Alguns livros-objeto tiveram um período de afastamento, parei bruscamente a construção, isolei a obra, e retomei dias ou meses depois. A obra Livro coisa ficou pronta em cento e vinte dias. Foram meses de estudo e avaliações. É uma obra extremamente frágil, por isso, ainda inédita.

O processo se iniciou com a seleção de cinquenta pregos, que foram espalhados sobre a capa do livro, em seguida foi colocada uma ferradura na parte posterior do livro. Um recipiente de metal com formato circular foi planejado para que o livro ficasse dentro, com os pregos e a ferradura já inseridos. Por fim o livro foi coberto por encáustica previamente tingida com pigmentos coloridos.

Um livro de poesia, pregos tortos, enferrujados e inutilizáveis tumultuados um sobre o outro, uma ferradura enferrujada, um pavio fixo por dentro do livro e cera quente compõem toda a obra. A primeira leitura é de inquietação e estranhamento. O Livro-coisa pode ser acessado, pode iluminar ambientes escuros, pode causar conforto. Os pregos estão “programados” a caírem aos poucos, irão se desprender do grande tumulto de metal enferrujado. A ferradura que já pertenceu algum animal explorado para transportar pesados produtos por longas distâncias, sem reclamar, está presa a uma poética que já foi lida e lacrada. Livro-coisa é uma poesia que nunca foi escrita.

Figura 06: Livro-objeto – Livro coisa



Mozileide Neri
Livro coisa
Técnica mista sobre livro
Materiais utilizados: Livro, encáustica, pavio, pregos e ferradura
Dimensões: 20 cm x 20 cm
Ano: 2015

10. LIVRO-OBJETO: LIVRO GRÃO

A produção no meu ateliê, na qual me permite uma análise mais aprofundada de cada etapa dos processos de criação artística dos livros-objeto, é também um espaço de observação de outros artistas. Quando possível convido amigos artistas para conversarmos sobre o processo em andamento.

Estava cortando as páginas para elaborar um livro repleto de grãos. E enquanto este próximo trabalho ganhava forma, pensei sobre o processo de criação se desenvolver com experiências no ateliê e na realização de conversas com amigos.

É importante ressaltar que um dos recursos que iniciou a ideia da próxima obra foi o conto “Amor”, de Clarice Lispector, nele mencionava que a personagem Ana plantava as sementes que tinha na mão e cresciam árvores. A intenção de criar algo com sementes e com outros grãos se desenvolveu. O processo, então, se iniciou quando “plantei” sementes e grãos dentro de um livro.

A obra foi finalizada duas semanas depois dessa conversa. Foram aproximadamente duzentos grãos de quatro tipos diferentes e a metade de uma casca de um grão. Foi necessário um corte central no livro para que alguns grãos fossem fixados, e aos poucos fui inserindo os demais. Após a colagem de todos os grãos, finalizei o objeto com tinta acrílica prateada. O efeito causa estranhamento. Alguns grãos estão desgrudando uns dos outros e se perdendo pelo caminho. É um livro-objeto com capa, lombada e contracapa tomado de sementes e grãos e muitos saem organizadamente de dentro do livro como uma grande fuga. A obra faz referências à fuga desordenada de pessoas, de pensamentos e sentimentos, de ideias e ideologias. Cada grão é um despropósito humano. Insensatos e improdutivos grãos, aglomerados de absurdos.

Figura 07: Livro-objeto – Livro-grãos

Verso



Frente



Mozileide Neri
Livro-grãos
Técnica mista sobre livro
Materiais utilizados: Livro, tinta acrílica,
grãos e cola
Dimensões: 14 cm x 21 cm
Ano: 2016

11. LIVRO-OBJETO: LIVRO RÁDIO

Esta obra apresenta algumas referências pós-leitura do livro “A hora da estrela”, de Clarice Lispector. A história da protagonista Macabéa, uma nordestina que mora na cidade do Rio de Janeiro e tem como hábito ouvir a Rádio Relógio. Esse foi o ponto de partida para o processo criativo do livro-objeto Livro-rádio. Não pretendia aprofundar uma análise do perfil psicológico e sociológico da personagem Macabéa, mas é impossível não fazer nenhuma relação com o corpo, a palavra e a recepção radiofônica apresentada no texto pela personagem. Macabéa trabalha como datilógrafa e interage com o mundo social através da audição de uma emissora de rádio. A problemática da recepção pode ser compreendida sobre a perspectiva dialógica de Bakhtin (1991), para ele, toda comunicação se processa em um espaço de interação entre o eu e o tu, entre o eu e o outro, ou seja: nenhuma palavra é nossa, mas carrega em si aspecto de outra voz.

Macabéa é descrita como alguém frágil fisicamente e o seu cotidiano se limita ao trabalho de datilógrafa e à audição do rádio. Através da Rádio Relógio tem contato com as palavras, mas não as entende plenamente, apenas as admira e repete, na maioria das vezes, com muita dificuldade e de forma incorreta. A rádio supria a escassez de falas de Macabéa.

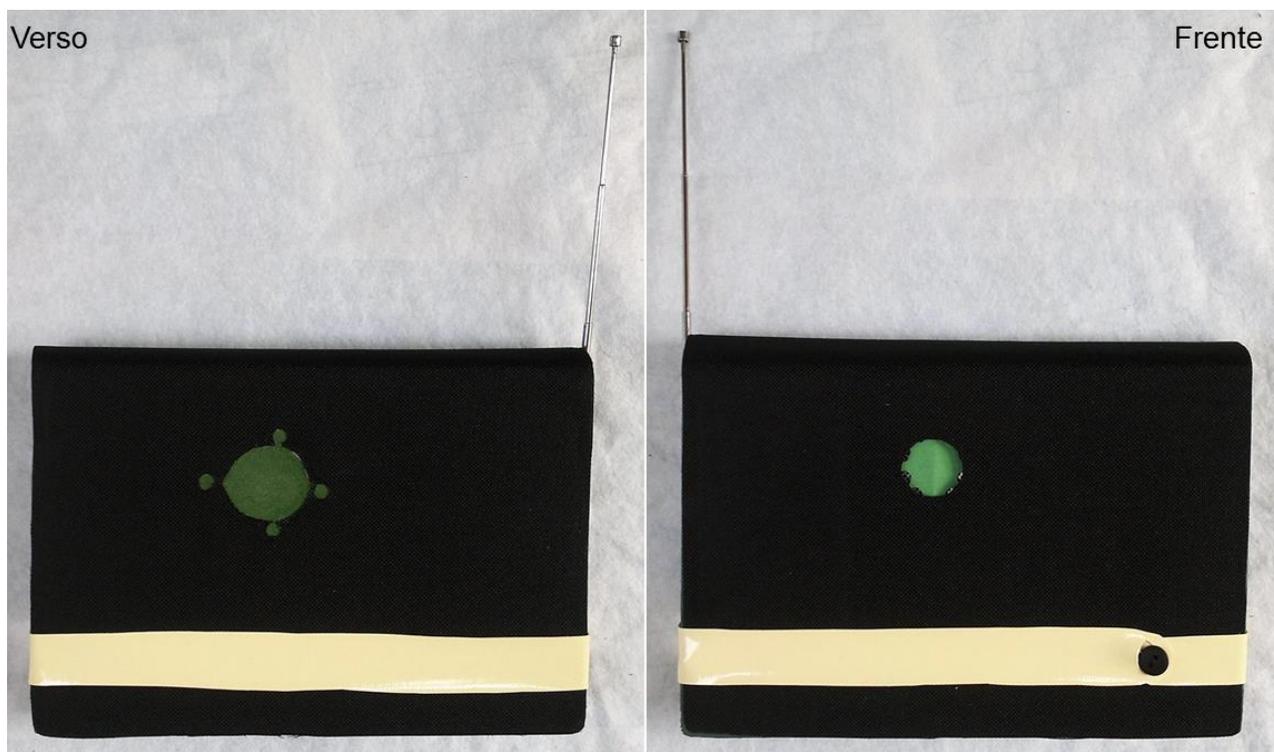
O processo de construção do Livro-rádio no ateliê se iniciou na escolha de um livro com mais de quinhentas páginas, foi necessário cavar todo o miolo para criar um lugar do rádio. O livro-objeto seria aparentemente sem beleza socialmente estética, como Macabéa.

Percebi que o processo criativo não se encerra durante a fase inicial de um trabalho, ele reverbera e é continuado durante todo o caminho até a obra final, sofrendo alterações e sendo permeado por influências externas. O Livro-rádio é um exemplo disso, ele foi idealizado para a personagem Macabéa. Sofreu várias adaptações estéticas até ser concluído. O grande desafio foi adaptar um rádio de pilha funcionando dentro de um livro fechado, e principalmente, com condições de acesso a esse rádio para ligar e desligá-lo.

O corpo da obra, a capa, pedia simplicidade, assim como a contracapa. O corpo do livro-objeto tentou ser reflexo da humildade de Macabéa. As palavras, fechadas do livro, não serão mais lidas, pois Macabéa certamente não iria compreendê-las. A recepção radiofônica do Livro-rádio é apenas para os atentos, pois o som que sai de dentro do livro é aflito, sufocante, como um sussurrar da Rádio Relógio.

De todos os meus livros-objeto, o Livro-rádio exigiu mais dedicação e estudo. Durante a produção no ateliê, quando interrompi várias vezes o processo da obra, o retorno não se deu de imediato, houve um tempo de observação e análise do trabalho inacabado, sempre à distância. O retorno no ateliê, para dar continuidade a obra não se desenvolvia, muitas vezes sem êxito durante dias e semanas. O livro-rádio foi construído num período de seis meses, desde o início do processo, distanciamentos, continuidade e conclusão.

Figura 08: Livro-objeto – Livro-rádio



Mozileide Neri

Livro-rádio

Técnica mista sobre livro

Materiais utilizados: Livro, couro, botão, lâmina, rádio, antena e cola

Dimensões: 15 cm x 22 cm

Ano: 2016

12. LIVRO-OBJETO: LIVRO CASULO

Livro casulo

Da minha aparência fechada
saem rios de palavras miúdas

Dentro do meu casulo
tem palavra-objeto

tem música
sorriso,
e ventania.

Na minha casca-grossa
já brotou poeta pardo,
negro e mulato.

Das minhas páginas caladas
ecoam versos
repletos de cores
perdidas.

Figura 09: Livro-objeto – Livro-casulo



Mozileide Neri
Livro-casulo
Técnica mista sobre livro
Materiais utilizados: Livro, barbante e cola
Dimensões: 7 cm x 23 cm
Ano: 2016

13. LIVRO-OBJETO: LIVRO-ORATÓRIO

Livro-oratório

Rogai por nós

Santas Mães de Deus

Para que sejamos

Dignos das promessas

de Olorum.

Figura 10: Livro-objeto: Livro-oratório



Mozileide Neri
Livro-oratório
Técnica mista sobre livro
Materiais utilizados: Livro, fitas, plástico, borracha e cola
Dimensões: 14 cm x 21 cm
Ano: 2016

14. LIVRO-OBJETO: VAZIO PLENO

Vazio pleno

A cor

Por fora clara

Por dentro vazia

O vazado

Passa ao campo do sensível

Nenhuma palavra

Pode ser lida

Do vazio pleno

O corte,

O rasgo,

A perfuração.

Sobre a pele da página

Que não sangra

Não morre

O vazio pleno

É de quem olha

E só enxerga

O que não quer ver.

Figura 11: Livro-objeto: Vazio pleno

Verso



Frente



Mozileide Neri
Vazio pleno
Técnica mista sobre livro
Materiais utilizados: Livro, tinta acrílica, lâmina e cola
Dimensões: 14 cm x 21 cm
Ano: 2016

15. LIVRO-OBJETO: PÁGINAS MORTAS

Páginas mortas

É preciso
Criar passagens
Aqui mesmo

Paredes mortas
De nossos entulhos

Páginas mortas
De livros inúteis

Profeta outro
Para um profeta mesmo

Profetas que se deixem
Ultrapassar

Pelo delírio amoroso
De profecias sem dono.

É necessário ler
Com urgência

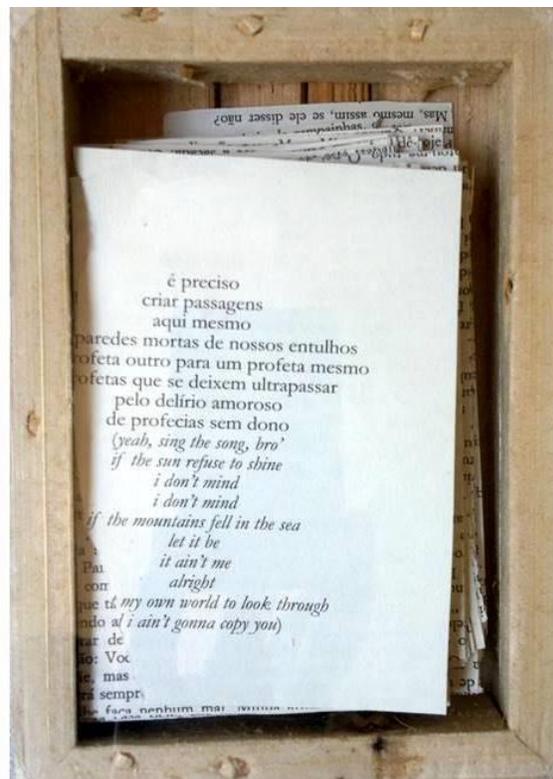
Páginas mortas
De livros inúteis.

Figura 12: Livro-objeto – Páginas mortas

Verso



Frente



Mozileide Neri
Páginas mortas
Técnica mista com papel
Materiais utilizados: Páginas de livro, extrato de folhas de buriti,
cola e acetato
Dimensões: 11 cm x 16,5 cm
Ano: 2015

16. PALAVRAS FECHADAS

O processo criativo desse projeto expositivo se iniciou em 2013. Principalmente na interferência da capa (frente) e quarta capa (verso) de cada livro, utilizando diversos materiais. Criei ilustrações e pinturas abstratas na maioria dos livros-objeto. Inserções de parafusos, gesso, linha para crochê e outros elementos, que complementam o resultado final de cada objeto. As obras produzidas entre 2014 e 2016 apresentam uma estética mais contemporânea, os livros utilizados sofreram intervenções internas e externas, em alguns deles é possível ler o conteúdo das páginas.

É perceptível observar a recontextualização em cada obra finalizada, todas as obras rompem a utilização funcional do livro e se assumem como objetos de arte. Encontrá-los expostos é um convite para uma reflexão sobre arte, incentivo à leitura e o lugar do objeto livro no mundo contemporâneo. Aos curiosos, um aviso, é necessário um olhar atento e cuidadoso, pois o deciframento e a interpretação desses livros-objeto dependem do repertório de cada espectador.

16.1 A primeira exposição dos Livros-objeto

Em 2013, me inscrevi em dezessete editais de arte em todo Brasil, fui selecionada em doze, e três deles foram para exposições individuais com o projeto “Palavras fechadas”.

O projeto se resumia na exposição de uma série de doze livros-objeto, todos apresentavam uma estética frente e verso, com desenhos, colagens, xilogravuras e linhas para crochê. As primeiras obras não tinham a intenção de ser um objeto funcional, apenas experimentavam o livro como suporte. Todos os livros-objeto estavam acompanhados de um suporte para mantê-los na posição vertical, assim o espectador poderia visualizar ambos os lados da obra.

A série de doze livros-objeto é uma série de doze peças diferentes, que só podem ser reproduzidas através da fotografia. Em nenhum momento pensei em reproduzir algum

desses itens, e se o fizesse certamente eles não ficariam idênticos. De acordo com Derdyk (2012), o livro – forma cifrada e imediatamente reconhecível como lugar que conta histórias, reais ou fictícias – quando descontextualizado de sua função originária, libera outros vetores e intensidades para a razão de sua própria existência. Dessas frestas surgem experiências inéditas de tempos e espaços que escapam das estruturas usuais do formato livro, evocando simultaneamente outras formas de narrativa.

Os meus livros-objeto estavam, enfim, expostos, fechados para manipulação e abertos para experiência e observação à distância.

Em janeiro de 2014 a Pinacoteca Potiguar, no Rio Grande do Norte, recebeu pela primeira vez meus livros-objeto. Não acompanhei o processo de montagem nem de abertura, apenas o da desmontagem. Os monitores foram fundamentais no diálogo com o público. Segundo eles, a utilização do livro para criação das obras deixou o público visitante espantado. Uma das obras, o Livro-bomba, foi danificado por um espectador ao tentar abri-lo. Esta interferência em especial me causou curiosidade, será que ele imaginou que haveria realmente uma bomba dentro do livro? Esta foi a obra que mais se destacou durante a exposição, segundo os monitores. Ao retornar para o ateliê o Livro-bomba foi restaurado e mantido na série para novamente ser exposto.

16.2 A segunda exposição dos Livros-objeto

A segunda exposição do projeto “Palavras fechadas” foi na Galeria de Arte do Sesc São Luís, no Maranhão. A abertura foi no dia 01 de abril de 2014. Eu estava presente na montagem, abertura e conversa com o público. Durante a abertura na Galeria de Arte do Sesc houve uma conversa sobre o processo criativo dos livros-objeto, a maioria dos visitantes era composta por Licenciandos em Artes pela Universidade Federal do Maranhão, também estavam presentes bibliotecários, críticos de arte, arte-educadores e professores.

A série apresentada na Galeria do Sesc foi composta por doze livros, dez já expostos anteriormente na Pinacoteca Potiguar. Após uma visita guiada, começaram as leituras e investigações em relação ao uso do livro como suporte, sobre as técnicas e materiais inseridos sobre cada obra.

O público presente na Galeria do Sesc naquele dia era, na sua maioria, de leitores de obras de arte e conhecedores da história da arte. Um encontro que se transformou em uma conversa, com muita troca de conhecimento. Alguns espectadores me questionaram sobre a escolha do livro, sobre quem era o autor por trás dos papéis coloridos e dos desenhos. Eu respondi dizendo que eram vários autores, brasileiros e estrangeiros, que os livros já foram lidos por várias pessoas e estavam engavetados há muito tempo. Eram livros do meu acervo, provavelmente seriam descartados em algum momento para uma biblioteca comunitária ou jogados no lixo. Uma bibliotecária disse que os livros dela são sagrados e que tinha uma relação afetuosa com cada um deles. Então falei um pouco sobre livros e afetos. Disse que eu também diagramava livros, que fiz várias capas de livros, que trabalho em uma biblioteca e que amo todos os livros, principalmente os dos meus autores preferidos como Clarice Lispector, José de Alencar, Albert Camus, Katherine Mansfield, Manoel de Barros, Virgínia Woolf, entre outros. E contei uma história (inventada na hora) sobre uma editora que fez uma tiragem de mil livros idênticos, eu pequei um para utilizar como suporte e ficaram novecentos e noventa e nove livros para serem comprados, lidos, emprestados, guardados com carinho em um canto especial da casa, engavetados e esquecidos, empoeirados sobre as estantes, rasgados por crianças curiosas ou danificados por traças. A tiragem de mil livros da editora se chamava “Pra que servem os livros?”. Será que os livros só existem para serem lidos? E o que acontece com cada um desses livros depois de lidos? A bibliotecária não me respondeu.

16.3 A terceira exposição dos Livros-objeto

Em outubro de 2014, os livros-objeto foram expostos na Biblioteca Giordano Bruno, no Planetário da Gávea (RJ). Eu realizei a montagem e participei de uma conversa com uma turma de 20 estudantes do sexto ano do ensino fundamental de uma escola pública próxima ao Planetário. Em meio a estantes de livros acessíveis, os livros-objeto estavam sinalizados com a frase: “É proibido tocar”. Para os frequentadores e leitores da tradicional biblioteca estava disponível apenas a recepção ótica, o estranhamento ao verem uma estante com livros lacrados foi inevitável.

Ao iniciar as primeiras explicações sobre o processo criativo, a escolha do suporte, houve um espanto coletivo ao visualizarem o livro-objeto Tarja preta. Vale aqui mencionar Clancini (1980) quando diz que o consumo de uma obra de arte completa o fato artístico, modifica seu sentido segundo a formação cultural dos espectadores. A falta de informação prévia dos alunos em relação à exposição, aos livros-objeto e a proposta da mediação impossibilitou qualquer tipo de diálogo entre os alunos e os objetos artísticos expostos. Cabral (2009) trata da importância de investigar a recepção no contexto da formação do professor. A autora supõe que é uma mudança na ênfase da avaliação para a recepção que abrirá espaço para considerar a natureza individual e coletiva da experiência artística e examinar aspectos do papel do professor/educador/mediador.

A inexistência de qualquer tipo de conhecimento prévio dos estudantes fez com que a compreensão do que seria um livro-objeto não acontecesse. Sem nenhum estímulo para que a conversa continuasse, terminamos antes do horário previsto. A turma saiu da biblioteca da mesma forma que entrou: barulhenta e apressada. A professora pediu desculpa pela “falta” de interesse dos alunos e a bibliotecária também me pediu desculpa por não ter “explicado” à professora sobre o que se tratava a exposição.

16.4 A quarta exposição dos Livros-objeto

Em 16 de setembro de 2015, na cidade de Timbó, em Santa Catarina, a série de doze livros-objeto estava sendo exposta. Sete novas obras produzidas em 2015 foram inseridas nessa série, e cinco produzidas em 2013 permaneceram. No mesmo dia e horário da abertura da exposição estava sendo lançado um livro, que também foi selecionado no mesmo edital no qual participei.

A recepção do público visitante do Museu Casa do Poeta Lindolf Bell em relação aos meus livros-objeto foi positiva. Houve um encontro de imagens e palavras, onde a narrativa plástica ganhou destaque.

De acordo com Bourdieu (2001), vemos o que vemos em função do que sabemos a respeito da maneira de expressar por formas os objetos e os acontecimentos históricos. Afinal, o deciframento e a interpretação de uma obra de arte dependem do repertório do espectador, o que determina maior ou menor intimidade com o gênero específico de uma determinada obra contemporânea, que requer uma atualização e adaptação dos códigos anteriores como uma referência ou uma “não referência”, quando a obra se situa no plano da contestação dos códigos estabelecidos ou em uma reflexão em relação à própria linguagem estética.

Os livros-objeto causaram ruídos, estranhamentos e configuraram uma nova expressão. Obras esteticamente descritas por cores e algumas pela não cor, pela aparência única, pelo discurso mudo e pela poesia invisível.

16.5 A quinta exposição dos Livros-objeto

Através de um convite, participei do Festival Brisa Literária como projeto expositivo “Palavras fechadas”, dia 29 de outubro de 2015. O Festival foi realizado dentro do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, no Campus Nilópolis. Não estive presente na montagem e na desmontagem, nem durante o período expositivo. Houve uma monitoria, não foi relatado nenhuma intervenção ou questionamento sobre o suporte ou todo o conjunto das obras.

Foram onze livros-objeto expostos, mesclando as produções de 2013, 2014 e 2015.

14.6 A sexta exposição dos Livros-objeto

Através do envio do projeto “Palavras fechadas” para participar do evento “Agenda Cultural Mandela Vive 2015”, em Mangueiras (RJ), a proposta foi aceita e meus livros-objeto foram expostos ao lado de uma biblioteca pública. Eu realizei a montagem e desmontagem. Não acompanhei o período expositivo. Ao lado de uma exposição fotográfica e outra de

pintura, O livro-objeto “Livro coisa” chamou atenção das crianças em relação às demais obras. Os monitores me disseram que as crianças gostaram por ser o “mais colorido” e por ter materiais como lápis de cor inseridos sobre o livro. Os livros-objeto “Tarja preta” e “Livro casca de cigarra” causaram curiosidade e estranhamento por grande parte do público jovem e adulto. De acordo com Miranda (2006), o espectador é retirado de uma postura passiva e convidado a empreender o jogo complexo que toda obra de arte é.

Muitos espectadores que querem respostas rápidas sobre seus questionamentos em relação à obra, às vezes ignoram o aviso de “não tocar” e tentam experimentar com as mãos o que os olhos não conseguiram ler. Segundo Miranda (2006), toda imagem sustenta uma espécie de ausência, algo que nos solicita o trabalho de descoberta e tentativa de compreensão. Surge o ímpeto de se valer de todos os modos investigativos, uma vontade de passar os dedos na superfície do que está diante de nós na tentativa de desvelamento e de compreensão desse enigma que se apresenta.

16.7 A sétima exposição dos Livros-objeto

Os livros-objeto produzidos entre 2015 e 2016 se transformaram em objetos manuseáveis, esteticamente decorativos ou com múltiplas funcionalidades. Foram catorze livros-objeto expostos, um resumo das principais obras criadas entre 2013 e 2016. A exposição se iniciou na 14ª Feira do Livro de Montenegro, feira anual que reuniu as principais editoras e lançamentos de livros do Rio Grande do Sul.

As obras foram expostas durante a Feira do Livro, que aconteceu de 2 a 6 de maio de 2016, e depois a exposição seguiu para o Museu de Arte de Montenegro, de 10 a 31 de maio de 2016.

Eu não estive ausente de todos os processos; montagem, período expositivo e desmontagem. Absorvo apenas as informações enviadas pelos monitores e educadores. “A sua exposição foi um sucesso!”, me escreveram no e-mail. Fiquei com a ausência de saber detalhes, como reagiram ao ver os novos livros-objeto, produzidos recentemente e expostos pela primeira vez. Interessante mesmo é estar perto, medir olhares, expressões, palavras sussurradas entre os dentes quando encontram suas obras.

Sinto que os livros-objeto produzidos em 2016 são mais meus, se parecem comigo. Aqueles produzidos em 2013 foram esboços e tentativas de experimentar o nosso suporte.

Atualmente tenho uma série de trinta e sete livros-objeto, a grande maioria produzida entre 2015 e 2016. Da produção de 2013 e 2014 alguns foram vendidos, outros presenteados e muitos destruídos.

17. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É verdade que algumas obras se destacaram mais, e outras menos, seja pelo conjunto estético ou por detalhes individuais. Ainda assim sou motivada a continuar, e a cada término de uma obra, ela ganha nova significação e um novo impulso.

Continuar expondo os meus livros-objeto em galerias, museus ou espaços de educação formal e não formal é um convite para uma constante reflexão sobre arte, incentivo à leitura e o lugar do objeto livro no mundo contemporâneo.

A intenção do projeto “Palavras Fechadas” sempre será estabelecer conhecimento e diálogo cultural, fortalecendo os vínculos entre diversidade e alteridade, e assim privilegiando todos os públicos, democratizando o acesso ao conhecimento da arte e seus processos de criação. As linguagens artísticas e práticas formativas podem desenvolver atividades de fomento à leitura e a formação de leitor de artes visuais, utilizando o fazer artístico e a observação das obras expostas como forma de compreender e ser compreendido, pois, de acordo com Miranda (2006), a arte tem vocação para ser nômade, não reconhece nem respeita fronteiras e sempre está à busca do inimaginável, do impossível.

Não mencionei nem falarei, aqui, sobre o mercado de arte, essa é uma discussão que ficará fora desse trabalho. O mercado de arte é uma instância que dá valor e autoriza a entrada de determinados produtos a um sistema restrito. Tanto os livros-objeto criados para serem obras de arte, como outros processos, que fazem uso dos procedimentos e materiais artísticos não estão interessados, por enquanto, na integração com esse tal sistema.

O meu processo de criação artística sempre será dependente da percepção, da forma, do conteúdo expressivo, da matéria; da imaginação criativa, do consciente, dos acasos e da técnica artística.

O espectador não tem que adivinhar “o que eu estava pensando quando criei cada obra”. A função dos títulos das minhas obras é uma espécie de indicação para o início da “compreensão” dos meus trabalhos. Meus livros-objeto não são impenetráveis, pelo contrário, eles querem ver vistos por olhos curiosos. Mas muitas vezes a legenda gera um paradoxo na leitura do espectador, seja de maneira alegórica ou simbólica.

Meu processo criativo é uma imensa dialética do aberto e do fechado.

18. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Galciani Maria Neves de. *Livro de artista: ressonâncias entre o design e as artes plásticas*. São Paulo, 2006. Monografia apresentada à Faculdade Senac de Comunicação e Artes, curso de pós-graduação em comunicação e artes (especialista em Designer Gráfico), São Paulo, 2006.

BAKHTIN, Mikail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.

BENJAMIN, W. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. 7.^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas: Modos de Produção e Modos de Percepção Artísticos*. 5. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

CABANNE, Pierre. *Marcel Duchamp: engenheiro do tempo perdido*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

CABRAL, Beatriz A. V. A Estética da Recepção no campo da formação do professor de teatro. In: Anais do XIX Seminário de Iniciação Científica. Disponível em: <http://www.ceart.udesc.br/revista_dapesquisa/volume4/numero1/cenicas/aestheticadarecepca_o.pdf>. Acesso em 20/01/2016.

CALDAS, Waltercio. *Livros*. Porto Alegre: MARGS; São Paulo: Pinacoteca, 2002.

CANONGIA, Ligia (Org.). *Artur Barrio*. Rio de Janeiro: Modo, 2002.

CAUQUELIN, Anne. *Teorias da arte*. São Paulo, 2005.

D'ANGELO, Biagio. Entre materialidade e imaginário: atualidade do livro-objeto. Disponível em < <http://www.ucm.es/info/especulo/numero33/limites.html>>. Acesso em 20 de janeiro de 2016.

DERDYK, Edith. A narrativa nos livros de artista: por uma partitura coreográfica nas páginas de um livro. Pós: Belo Horizonte, v.2. n. 3, p. 164 – 173, mai. 2012.

DOCTORS, Marcio. *Livro objeto: A fronteira dos vazios*. Rio de Janeiro: CCBB, 1994.

ECO, H. *Obra Aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

FERREIRA, Glória. COTRIM, Cecília (org.). *Escritos de artistas: 60/70 – Seleção e comentários*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

KLOCK, Umberto. *Polpa e Papel*. Curitiba: Fundação de Pesquisas Florestais do Paraná- Fupef, 1998.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. *Amor in*. Laços de Família. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

MARTINS, Raimundo. *Arte, educação e cultura*. Marildo Oliveira de Oliveira (org). Editora: UFSM. Santa Maria, 2007.

MIRANDA, Luís Henrique Nobre de, *Livros-objeto, fala-forma*. Dissertação de Pós-Graduação em Ciência da Literatura. UFRJ. 2006.

PAIVA, Ana Paula Mathias de. *A aventura do livro experimental*. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2010.

PEDROZA, Mário. *Da dissolução do objeto ao vanguardismo brasileiro*. In: *Acadêmicos e modernos: Textos escolhidos III*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

QUEMIN, Alan; FIALHO, Ana Letícia; MORAES, Angélica de. *O valor da obra de arte*. São Paulo, Metalivros, 2014.

SILVEIRA, Paulo. *A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista*. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

TERÇA-NADA, Marcelo. *Livro-objeto*. Revista Etcetera #9 – Artes Visuais. Disponível em <www.revistaetcetera.com.br>. Acesso em 20 de janeiro de 2016.